

Eugenia e Catolicismo no Brasil: um estudo a partir da produção intelectual católica do Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930¹

Eugenics and Catholicism in Brazil: a study based on Catholic intellectual production in Rio de Janeiro in the decades of 1920 and 1930

Daniel Florence Giesbrecht*

<https://orcid.org/0000-0003-4142-6860>

Resumo

O estudo investiga a intrincada interseção entre eugenia, Igreja Católica e poder discursivo. Analisa-se o embate entre os eugenistas radicais e a Igreja, evidenciando estratégias retóricas e formas de expressão. Surge, assim, a indagação sobre se, no contexto brasileiro, a Igreja desempenhou o papel de defender um modelo de eugenia católica. Para explorar essa questão, foram analisadas fontes bibliográficas e documentais, incluindo publicações católicas no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930, como o livro *Ensaios de Biologia*, concebido pelo Instituto Católico de Estudos Superiores, e a revista *A Ordem*, um periódico influente da elite intelectual católica da época, associado ao Centro Dom Vital. Optou-se por uma abordagem metodológica que enfatizasse a análise hermenêutica e qualitativa. Essa escolha teve como objetivo explorar as diversas perspectivas e interpretações presentes nas fontes selecionadas. Em síntese, a pesquisa revela as intrincadas dinâmicas de poder, controle discursivo e resistência entre eugenia e religião, oferecendo percepções sobre um período fundamental na história das relações entre ciência e fé.

Palavras-Chave: Eugenia. Intelectuais Católicos. Imprensa Católica. Igreja e Modernidade. Brasil.

Abstract

The study examines the intricate intersection between eugenics, the Catholic Church, and discursive power. The clash between radical eugenacists and the Church is analyzed, highlighting rhetorical strategies and forms of expression.

* Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) e Professor Auxiliar Convocado na Faculdade de Letras (FLUC), ambos na Universidade de Coimbra. Doutorando em História Contemporânea. E-mail: profdanielflorence@gmail.com.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais e comunitários por meio da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – pela bolsa de doutoramento – 2021.04805.BD.

This raises whether, in the Brazilian context, the Church has played a role in advocating for a model of Catholic eugenics. To explore this issue, bibliographic and documentary sources were analyzed, including Catholic publications in Rio de Janeiro in the 1920s and 1930s, such as the book *Ensaio de Biologia*, conceived by the Catholic Institute of Higher Studies, and the magazine *A Ordem*, an influential periodical of the Catholic intellectual elite at the time, associated with the Dom Vital Center. A methodological approach emphasizing hermeneutic and qualitative analysis has been chosen. This choice aimed to explore the various perspectives and interpretations present in the selected sources. In summary, the research reveals the intricate dynamics of power, discursive control, and the resistance between eugenics and religion, offering insights into a crucial period in the history of the relationship between science and faith.

Keywords: Eugenics. Catholic Intellectuals. Catholic Press. Church and Modernity. Brazil.

Introdução

A eugenia, idealizada por Francis Galton no final do século XIX, converteu-se em uma espécie de autoimagem da modernidade. Atraindo entusiastas por todo o mundo, a “ciência de Galton”, como ficou conhecida, tornou-se um dos conceitos centrais do debate científico, social e político tanto nos círculos europeus como nas Américas. Por meio de metodologias de intervenção e controle sobre a hereditariedade e o meio ambiente, as teorias eugênicas prometiam melhorar a qualidade genética das populações humanas e, ao mesmo tempo, evitar a degenerescência da sociedade. Em decorrência disso, alguns campos de conhecimento ligados à genética foram privilegiados, fato que resultou na estruturação do modelo de eugenia negativa, o qual reivindicava a adoção de medidas biopolíticas totais — difusão de métodos contraceptivos; restrições matrimoniais quando necessárias; e a esterilização de indivíduos considerados prejudiciais para a saúde coletiva e a da raça, por exemplo².

No contexto particular do Brasil, a implementação do regime republicano ao final do século XIX refletia uma época fortemente influenciada pelo positivismo de Augusto Comte e pelo darwinismo social de Herbert Spencer. Esse cenário propício permitiu a incorporação de novos projetos de engenharia social que prometiam a melhoria da condição humana, sob a perspectiva

² STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics: race, gender, and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

da classe burguesa, visando preservar a linhagem das elites sociais e, ao mesmo tempo, regenerar as classes populares por meio de medidas higiênicas e morais. Assim, teorias de natureza racista, legitimadas pelas ciências, alinhavam-se às noções de progresso e evolução³.

À medida em que o país avançava rumo à modernização, a busca por um refinamento do perfil racial da população emergia como uma preocupação central para fomentar o desenvolvimento nacional. Impulsionados pelos desafios demográficos, pela complexa estrutura multirracial e pelos problemas nas áreas da saúde brasileiros, os defensores da eugenia experimentariam um aumento significativo de influência durante a década de 1910⁴.

A partir disso, o conceito de eugenia latina emerge como uma abordagem que não apenas reflete as concepções europeias sobre o aprimoramento humano, mas também incorpora elementos distintivos da realidade latino-americana. A linha mestra principal de ação da intelectualidade que debatia sobre eugenia em contextos latinos valia-se de pressupostos de modernização nacional e, por conseguinte, de fortalecimento do Estado-nação⁵.

Conforme a análise da estudiosa Nancy Stepan, esse enquadramento oferecia uma plataforma viável para o desenvolvimento de uma modalidade de eugenia preventiva no Brasil, fortemente influenciada pelo neolamarckismo francês⁶. Tal abordagem da eugenia não se restringia à seleção de traços hereditários favoráveis, mas englobava também promoção da higiene, prevenção de doenças, cuidados materno-infantil, melhoria das condições educacionais e laborais e mitigação de problemas sociais como o alcoolismo e a prostituição. Dessa forma, a engenharia eugênica almejava não apenas o refinamento coletivo, mas também a promoção do progresso econômico, baseando-se em uma perspectiva adaptada às especificidades da nação.

Esses princípios reformistas foram gradualmente aceitos pela Igreja Católica nas primeiras décadas do século XX. Por meio do avanço da vida material e do discurso científico, uma convergência entre o catolicismo e o mundo moderno foi observada, especialmente após os impactos da Revolução

³ GIESBRECHT, Daniel Florence. *Divus contra Galton: o debate eugênico a partir da produção intelectual católica brasileira na década de 1930. Anuario de Antropología Iberoamericana*, pp. 1-6, 2023.

⁴ BONFIM, Paulo. *Educar, higienizar e regenerar: uma história da eugenia no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, pp. 42-43.

⁵ WEBER, Maria Julieta. Eugenia Latina em Portugal e no Brasil (primeira metade do século XX). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 63, pp. 205-217, 2023, p. 208. Para saber mais, cf. TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras*. Guarapuava: Unicentro, 2019.

⁶ STEPAN, op. cit., p. 92.

Francesa de 1789 e a crescente secularização dos estados ocidentais⁷. Além disso, a aparente compatibilidade entre o neolamarckismo e o catolicismo, em contraste com o determinismo protestante, é apontada como uma das razões fundamentais para a adesão da maioria dos eugenistas católicos brasileiros à abordagem da eugenia preventiva⁸. Nessa tradição, destacava-se a valorização da dignidade e liberdade humanas, bem como a importância da busca pela excelência moral e espiritual, consonante com o ideal de regeneração proposto pelos eugenistas. Na década de 1910, por exemplo, o padre britânico Thomas John Gerrard já expressava, em seu livro *The Church and eugenics*, que a busca pela reforma eugênica não deveria ser impedida pela Igreja, mas sim promovida por ela, mediante uma base espiritual⁹.

Contudo, a aparente conciliação entre os princípios da eugenia e os preceitos católicos revelou-se frágil. Durante as décadas de 1920 e 1930, a prática da esterilização eugênica, tanto voluntária quanto compulsória, assim como a adoção de métodos de controle de natalidade, disseminou-se principalmente em países de tradição protestante, especialmente aqueles de origem anglo-saxônica¹⁰. Diante desses avanços, uma preocupação clara e inequívoca foi demonstrada pela Igreja Católica, que condenou todas as ações que interferiam no processo natural de procriação da vida. A encíclica papal *Casti Connubii*, promulgada em 31 de dezembro de 1930 pelo Papa Pio XI, desempenhou um papel significativo ao reafirmar a postura intransigente da Igreja em relação ao controle da natalidade, ao aborto e à esterilização como afrontas aos princípios fundamentais da fé católica¹¹.

Diante dos avanços das acepções biopolíticas de intervenções invasivas, é possível constatar que a estratégia de expansão de influências da Igreja Católica foi intensificada, sob a preocupação de ser marginalizada frente

⁷ RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História)—Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

⁸ TURDA; GILLETTE, op. cit., p. 42.

⁹ WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia “negativa”, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, pp. 263-288, 2013, p. 272.

¹⁰ A implementação da primeira lei de esterilização compulsória ocorreu nos Estados Unidos, especificamente no estado de Indiana, em 1907. No entanto, foi na Califórnia que o programa atingiu o maior número de casos, estimando-se que cerca de vinte mil esterilizações tenham sido realizadas entre os anos de 1909 e 1979. Essas políticas receberam amplas críticas e questionamentos, especialmente durante as décadas de 1960 e 1970, quando questões relacionadas aos direitos individuais e à justiça social ganharam maior destaque. Cf. REILLY, Philip. *The surgical solution: a history of involuntary sterilization in the United States*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

¹¹ WEGNER; SOUZA, op. cit., p. 273.

aos novos valores apregoados pela Biologia moderna. Como apontado por Sérgio Miceli, esse processo foi desenvolvido principalmente por meio do estabelecimento de uma série de organizações independentes da hierarquia eclesiástica¹². Sob a liderança de intelectuais católicos, buscava-se que essas instituições reagissem contra correntes intelectuais, crenças religiosas e medidas políticas contrárias aos princípios da Santa Sé, tais como as práticas eugênicas radicais, agora reprovadas formalmente, nas páginas da encíclica *Casti Connubii*¹³. Dessa forma, surge a pergunta se, no Brasil, a Igreja se comprometeu a defender um paradigma de eugenia católica, como uma alternativa aos princípios difundidos pela eugenia negativa, com o objetivo de preservar sua influência sobre os corpos e a sexualidade dos fiéis¹⁴. Este artigo pretende refletir a respeito dessa questão.

Para atingir esse objetivo, foram analisadas fontes bibliográficas e documentais, incluindo publicações católicas no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930, com destaque para o livro *Ensaio de Biologia*, idealizado pelo Instituto Católico de Estudos Superiores, e a revista *A Ordem*, relevante periódico impresso pela elite intelectual católica brasileira daquela época e também ligado ao Centro Dom Vital, uma reconhecida associação de intelectuais católicos.

Em geral, optou-se por uma abordagem metodológica que enfatizasse a análise hermenêutica e qualitativa. Essa escolha teve como objetivo explorar as diversas perspectivas e interpretações presentes nas fontes selecionadas. A fim de comparar e analisar as narrativas, os discursos e os conceitos presentes nessas fontes, procurou-se investigar as complexas relações entre poder, religião e biologia no contexto da eugenia.

Da fundação do Instituto Católico de Estudos Superiores à publicação de *Ensaio de Biologia*.

A implementação da República Brasileira em 1889, fortemente influenciada pelas ideias positivistas francesas, resultou na ruptura oficial entre o Estado e a Igreja, consagrada pelo Decreto nº 119-A, datado de 7 de janeiro

¹² MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹³ PIO XI. *Carta encíclica Casti Connubii del Papa Pío XI sobre el matrimonio Cristiano*, Roma, 1930, pp. 15-18. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html> Acesso em: 17 jun. 2023.

¹⁴ O presente artigo utiliza o termo “eugenia católica” para descrever uma abordagem eugênica que se fundamenta nos princípios e valores do catolicismo. Essa perspectiva apresenta estratégias preventivas, sanitárias e pró-natalistas, consoante as diretrizes e posições estabelecidas pela hierarquia eclesiástica.

de 1890¹⁵. Esse evento obrigou a Igreja a passar por um processo de reorganização institucional, com o intuito de se adaptar às novas circunstâncias. Além disso, ocorreram alterações estruturais essenciais na América Latina no início do século XX. A ascensão da classe trabalhadora, a secularização da cultura e a emergência de novos grupos de interesse, aliadas à disseminação do comunismo e do protestantismo levaram a Igreja Católica a um estado de desorientação¹⁶.

Entretanto, essa nova situação propiciou a abertura de espaço para a crescente presença de instituições religiosas leigas em diversas esferas do mundo social, especialmente por meio da ação de suas elites intelectuais¹⁷. Nesta situação, no Brasil, destacaram-se as figuras do advogado Jackson de Figueiredo e do crítico literário Alceu Amoroso Lima, conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde, os quais desempenharam um papel central na condução de atividades laicas alinhadas com os interesses da Igreja, notavelmente a partir do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*, seu principal veículo de publicação científica¹⁸.

Após a Revolução de 1930, Getúlio Vargas assumiu a liderança de um Governo Provisório, comprometendo-se a conduzir a reestruturação do país até a realização de novas eleições. Devido à falta de legitimidade constitucional desse novo governo, a Igreja Católica aproveitou a oportunidade para interferir na esfera política, enfatizando a necessidade da presença do elemento religioso no Estado e argumentando que a sociedade secular havia se mostrado incapaz de proporcionar uma moral digna¹⁹.

Consciente de que o ensino superior representava um meio eficaz para promover uma formação com base nos princípios da ideologia católica, o padre jesuíta Leonel Edgard da Silveira Franca colaborou, por meio de sua ampla rede de contatos, a qual incluía Alceu Amoroso Lima, com a fundação da

¹⁵ BRASIL. *Decreto No 119-A, de 7 de janeiro de 1890*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm> Acesso em: 20 jun. 2023.

¹⁶ TODARO, Margareth Patrice. *Pastors, prophets and politicians; a study of brazilian church; 1916-45*. New York: Columbia University Press, 1971.

¹⁷ Instituições religiosas leigas são entidades ou associações pertencentes a uma fé específica, geridas e conduzidas por membros leigos, ou seja, indivíduos que não possuem ordenação clerical, como padres, pastores ou monges. Tais organizações podem desempenhar uma variedade de papéis em uma comunidade religiosa, incluindo atividades educacionais, de caridade, sociais e culturais, entre outras.

¹⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Ordem: uma revista de doutrina política e cultura católica*. *Revista de Ciência Política*, v. 21, n. 3, pp. 117-160, 1978.

¹⁹ GOMES, Edgar da Silva. *A estadualização da hierarquia eclesiástica no Brasil: política e poder na relação Estado/Igreja durante a República Velha (1889-1930)*. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 37, pp. 295-303, 2008.

primeira instituição de ensino superior católica no Brasil: o Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio de Janeiro, até então a Capital Federal do país²⁰.

A cerimônia solene que marcou a inauguração do Instituto teve lugar em 24 de maio de 1932, no salão de conferências da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, sendo presidida pelo então cardeal D. Sebastião Leme e dirigida por Alceu Amoroso Lima. O evento contou com a presença do então ministro da Educação, Francisco Campos, além de autoridades eclesiásticas e representantes destacados da intelectualidade brasileira da época²¹.

Em seu discurso, Alceu Amoroso Lima expressou suas preocupações diante do avanço da cultura materialista e agnóstica propagada por pensadores modernos, especialmente aqueles que sustentavam a incompatibilidade entre as ciências e a religião²². Ao evocar o filósofo e matemático inglês Alfred North Whitehead, destacou-se sua observação de que os intelectuais católicos teriam enfrentado desânimo diante das significativas transformações científicas ocorridas nos últimos três séculos. Na perspectiva de Amoroso Lima, “umas das causas principais do desprestígio do pensamento religioso moderno é a timidez das nossas iniciativas, o desgoverno de nossos estudos e a posição de eterna ‘defensiva’ em que nos colocamos”²³.

Alceu Amoroso Lima criticou as proposições materialistas do positivismo, do evolucionismo e do monismo, reforçando a necessidade de uma restauração teológica como o caminho mais viável para que o catolicismo resgatasse, de fato, a integralidade do pensamento católico brasileiro. Para isso, propôs a retomada das encerradas relações entre as ciências naturais e as do espírito, a fim de demonstrar que “os estudos filosóficos são de necessidade fundamental, para dar ao pensamento formador da nacionalidade uma orientação segura e uma disciplina construtora”²⁴.

A proposta de restauração mencionada defendia a ideia de que a hierarquia entre as ciências da ordem natural e as ciências da ordem sobrenatural implicava na supremacia das últimas sobre as primeiras. Essa subordinação

²⁰ Cf. OLIVEIRA, Natália Cristina de; CAMPOS, Névio de; SKALINSKI JÚNIOR, Oriomar. O modelo católico de ensino superior no Brasil. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 5, pp. 1–26, 2019.

²¹ CORREIO DA MANHÃ. *A solene inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores*, 25 maio 1932, p. 3. Todos os documentos e fontes citadas neste artigo foram adaptadas às regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

²² A conferência de Alceu Amoroso Lima foi reproduzida integralmente na edição número 28, de junho de 1932, da revista *A Ordem*, da qual ele era o editor-chefe, junto de Perillo Gomes. Cf. ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo). Instituto Católico de Estudos Superiores. *A Ordem*, v. 7 (Nova Série), n. 28, pp. 415–425, 1932.

²³ *Ibid.*, p. 417.

²⁴ *Ibid.*, p. 423.

não suscitaria em alterar a autonomia e a metodologia das ciências naturais, mas sim na indicação de que o ser humano não pode ser reduzido a esquemas de pensamento, como proposto pelo materialismo moderno.

Essa estrutura teórica serviria como base ratificadora da filosofia pedagógica do Instituto Católico de Estudos Superiores, evidenciada tanto em sua oferta de cursos quanto em suas produções intelectuais como, por exemplo, em seu primeiro lançamento em formato de livro: *Ensaio de Biologia*.

Por uma abordagem católica da modernidade e da ciência

Os srs. Tristão de Ataíde e Hamilton Nogueira, cuja expressão intelectual na atualidade brasileira todos reconhecem, acabam de iniciar a publicação de uma série curiosíssima de “Ensaio de Biologia”. Trata-se de um honesto trabalho de orientação científica, que os dois *leaders* do movimento católico no Brasil estão elaborando com a colaboração de seus jovens discípulos [...] A iniciativa, que bons serviços poderão prestar a nossa formação cultural, é digna de mais viva simpatia, e o volume publicado merece os melhores estímulos²⁵.

Foi assim que o diário carioca *O Jornal*, em sua edição de 26 de novembro de 1933, trouxe a notícia do lançamento do livro *Ensaio de Biologia*, impresso pela Livraria Católica no Rio de Janeiro²⁶. A obra estava sob a supervisão de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) e do médico Hamilton de Lacerda Nogueira, dois reconhecidos intelectuais católicos associados tanto ao Instituto Católico de Estudos Superiores quanto ao Centro Dom Vital²⁷.

A responsabilidade em redigir a apresentação da obra coube a Tristão de Ataíde. De acordo com suas palavras, ao longo das 186 páginas, *Ensaio de Biologia* prometia proporcionar aos leitores a chance de se familiarizarem com um “capítulo novo na história do nosso pensamento”. Isso implicaria

²⁵ O JORNAL. Sem título, 26 novembro 1933, p. 7.

²⁶ O reconhecimento intelectual e a aceitação da obra extrapolam as fronteiras da imprensa diária. Por exemplo, o periódico artístico-literário *Boletim de Ariel*, que contava com a participação de importantes colaboradores, como Afrânio Peixoto, Arthur Ramos, Evaristo de Moraes, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, dedicou-lhe uma crítica favorável. O avaliador, João de Barros Barreto Filho, descreveu *Ensaio de Biologia* como um trabalho aprofundado, que se opunha aos exageros da pseudociência precipitada, influenciada em grande medida pelo materialismo agnóstico. BARRETO FILHO, João de Barros. Tristão de Ataíde e Hamilton Nogueira – Ensaio de Biologia – Livraria Católica – Rio, 1933. *Boletim de Ariel*, Ano 3, novembro, 1933.

²⁷ ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), 1933.

em demonstrar que, além das estreitas relações “estabelecidas entre os problemas especulativos e os problemas práticos”, era necessário compreender a “ausência de qualquer incompatibilidade entre religião e ciência”, contrariando as “vozes anacrônicas e cansadas”, ecoadas pela Biologia moderna que, sob uma abordagem determinista e positivista, havia se transformado em uma doutrina dominante, arrogando-se o poder de governar as ciências sociais e morais ao se “apropriar do conceito de vida em sua totalidade”²⁸. Essa análise acaba por justificar a seleção do título de *Ensaio de Biologia* para o livro, uma vez que, consoante o próprio autor, a Biologia, assim como as outras ciências, teria limitações e, ao ultrapassar as fronteiras das interpretações pedagógicas, sociológicas ou morais, transcende o âmbito restrito do arbítrio e da imaginação²⁹.

Ensaio de Biologia proclama abertamente sua natureza doutrinária e sua missão de “guiar as vontades retas”³⁰. Nesse sentido, o foco em questões como sexualidade, hereditariedade, maternidade e procriação se confirma ao serem aspectos centrais que demandam reflexão e abordagem cuidadosa no que tange os princípios defendidos pelo catolicismo. O propósito da obra era investigar esses assuntos visando fornecer orientações e diretrizes que estejam em consonância com os valores cristãos, em oposição ao materialismo científico determinista, manifestado a partir dos extremos apregoados por uma parcela dos eugenistas. Ou seja, a eugenia (como ciência teórica e prática, cujo objetivo era promover o progresso da espécie, sem exorbitar os métodos considerados pela Igreja lícitos e honestos) poderia ser considerada. Se, porém, sob a etiqueta da eugenia e do eugenismo se escondessem doutrinas avariadas ou perversas que confrontassem os desígnios da Santa Sé, então condene-as e combata-as³¹.

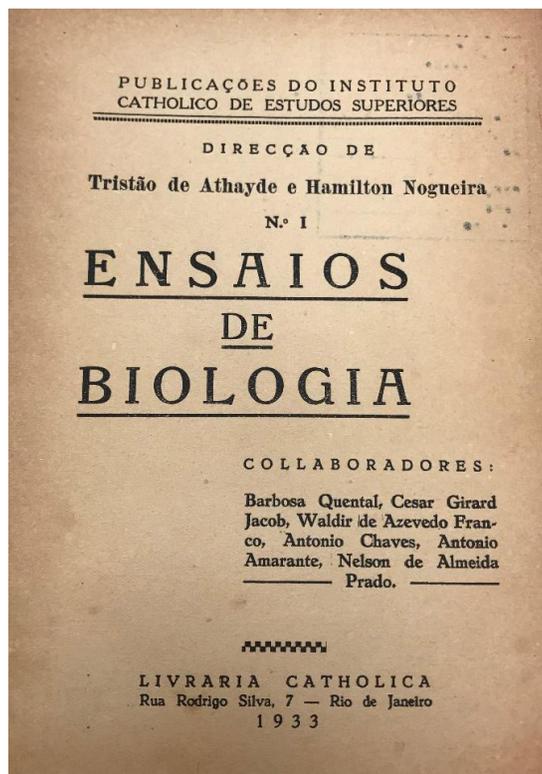
²⁸ Ibid., pp. 9-12.

²⁹ Além do texto de apresentação redigido por Tristão de Ataíde, foram incluídos outros oito artigos: *Limites da eugenia*, também de Ataíde; *Esterilização dos tarados*, de Hamilton Nogueira; *A esterilidade voluntária e sua patologia*, de Barbosa Quental; *Crítica geral ao lamarckismo*, de César Girard Jacob; *Biotipologia e suas complicações médico-sociais*, de Petrônio Rodrigues Chaves; *Aspecto médico do birth-control*, de Antônio Amarante e, novamente, de Cesar Girard Jacob; *Eutanásia e Biologia*, de Waldyr de Azevedo Franco; e *Energética em Biologia*, de Nelson de Almeida Prado.

³⁰ Ibid., p. 13.

³¹ A valorização da relevância da eugenia preventiva já fora expressa pelo próprio Pio XI. Essa consideração é fundamental para a compreensão de como certas ideias eugênicas de cunho ambientalista foram absorvidas por intelectuais católicos confessos, que as incorporaram a uma variante de eugenia católica de natureza social. Isso inclui iniciativas voltadas para o enfrentamento de doenças, do alcoolismo e da prostituição, bem como a implementação de medidas de proteção social. Cf. ACTA APOSTOLICAE SEDIS. *Commentarium Officiale. Anno XXII - Volumen XXII*. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1930, p. 564.

Figura 1: Folha de rosto do livro *Ensaio de Biologia*, publicado pela Editora Livraria Católica em 1933



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A eugenia como teologia deificada

Além de redigir a introdução, Tristão de Ataíde foi o autor do primeiro capítulo de *Ensaio de Biologia*, intitulado *Limites da Eugenia*, o qual se inicia com uma epígrafe provocativa atribuída ao dramaturgo irlandês e assumido eugenista Bernard Shaw: “What can be done with a wolf can be done with a man” [O que pode ser feito com um lobo pode ser feito com um homem]³².

³² ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo). Limites da eugenia. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 15-35, 1933, p. 17. Algum tempo após, no ano de 1939, Tristão de Ataíde, já consagrado como membro da Academia Brasileira de Letras desde 1935, colaborou com Jacques de Lecretelle e Daniel Rops, ambos distinguidos membros da Academia Francesa, na organização do livro

Conforme expresso por Ataíde, declarações como a de Shaw ilustram a concepção de que, ao longo da história, a humanidade evidenciou uma inclinação à “antropolatria”, uma tendência à adoração — o homem moderno teria optado por venerar, respectivamente, a ciência e a própria humanidade.

Esse fenômeno teria se intensificado no século XIX, impulsionado pelos princípios evolucionistas, especialmente pelo darwinismo, resultando na formulação de uma filosofia materialista que buscava incessantemente seu próprio modelo de “super-homem”³³. Ataíde formulou críticas aos defensores do aprimoramento racial, que viam nos métodos propostos pelos eugenistas a única solução viável para a regeneração da sociedade: “o super-humanismo é a forma filosófica do eugenismo. E a essência do eugenismo está justamente nessa equiparação do homem ao animal em sua origem e na separação progressiva de ambos, em seus fins, por meio da seleção sexual”³⁴.

Amparado pelas conclusões do psiquiatra alemão Iwan Bloch, Tristão de Ataíde argumentou que Charles Darwin teria sido o responsável por lançar as bases ontológicas que norteariam o movimento eugenista moderno³⁵. Tal influência teria se consolidado pela equiparação do ser humano aos animais e pela defesa de critérios seletivos que considerassem as qualidades futuras das proles resultantes de um planejamento matrimonial racionalizado. Esse fenômeno, segundo ele, representava um dos grandes paradoxos da modernidade: a ciência, ao rejeitar qualquer manifestação divina, acabava, paradoxalmente, por elevar o ser humano à condição de divindade por meio da promoção da eugenia, como se esta se tornasse num tipo de teologia deificada³⁶.

No caso, brasileiro, segundo o autor, o primeiro Congresso de Eugenia, realizado entre os dias 30 de junho e 7 de julho de 1929 na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, foi o principal evento a promover uma

intitulado *O Problema Sexual*. Nesta obra, Ataíde, fazendo pequenas modificações, republicou o texto fundamental de *Limites da Eugenia*, porém adotando o novo título *Será Aceitável o Eugenismo?*. LACRETELLE, Jacques de; ATAÍDE, Tristão de; ROPS, Daniel (Eds.). *O problema sexual*. Tradução: Frederico De Carvalho. Porto: Livraria Tavares Martins, 1963 [1939].

³³ *Ibid.*, pp. 17-18. Assim como outros intelectuais católicos de sua época, Tristão de Ataíde foi influenciado por importantes pensadores conservadores ultramontanos, como Joseph de Maistre, Danoso Cortés e Charles Maurras. Esses intelectuais identificaram a filosofia materialista, que surgiu no século XIX, representada, sobretudo, pelas obras do filósofo Friedrich Nietzsche como suas principais inimigas. Para eles, a busca do “super-homem” (Übermensch) como modelo ideal de humanidade proposto por Nietzsche refletia a ontologia do moderno pensamento pagão ocidental.

³⁴ *Ibid.*, p. 20.

³⁵ *Ibid.*, pp. 21-23.

³⁶ *Ibid.*, p. 23.

intensificação da propaganda eugênica no país³⁷. Durante o encontro, funcionários governamentais, especialistas médicos e visitantes estrangeiros debateram diversos temas característicos da eugenia, como casamento, educação, raça, proteção da nacionalidade, tipologia racial, genealogia, imigração, doenças venéreas, biometria e puericultura³⁸. Ataíde reconheceu que esses temas envolviam questões éticas, filosóficas e religiosas que não deveriam ser restritas aos eugenistas, como muitos dos participantes do evento postularam. Apesar disso, ele não direcionou críticas específicas a nenhum eugenista brasileiro, ao contrário de seu colega Hamilton Nogueira, como será visto mais adiante. O foco principal foi, sobretudo, a crítica ao modelo eugênico protestante norte-americano, uma vez que este seria apresentado pelos eugenistas brasileiros como uma solução mágica e até mesmo de cunho religioso para amenizar os possíveis atrasos da nação.

O autor de *Limites da eugenia* enfatizou a ligação entre o modelo de eugenia negativa e o protestantismo nos Estados Unidos, apontando que, neste país, a eugenia estaria desempenhando o papel que Galton havia previsto vinte anos antes: tornar-se uma “religião da humanidade” por meio da sistematização da sexualidade. Tal fato seria evidenciado em estudos como o do eugenista protestante norte-americano Edward Wiggam e sua defesa do *birth-control* e, também, em trabalhos como o do escritor e eugenista inglês Anthony Ludovici, segundo Ataíde, uma versão mais reacionária de Bernard Shaw.

Ao contrário de Wiggam, que considerava a eugenia como o caminho para a cristianização da humanidade, Ludovici pensava o oposto: a

³⁷ *Ibid.*, pp. 23-24.

³⁸ Os títulos das conferências proferidas durante a realização do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, assim como os seus respectivos autores, foram: *A eugenia no Brasil* – Renato Kehl; *Os grandes problemas da Antropologia* – A. Fróes da Fonseca; *O estado atual do problema de hereditariedade* – André Dreyfus; *Biométrica* – Fernando R. da Silveira; *Educação e eugenia* – Levi Carneiro – *Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil* – Edgard Roquette-Pinto; *Guiandole sebacee libere della mucosa geniana in varie razze umane* – Alfonso Bovero; *Situação do apêndice vermiforme em relação ao céco em diversas raças humanas* – R. Lochi; *Considerações em torno do índice radio-pélvico de Lapique e tibio-pélvico de Fróes da Fonseca* – Ermiro Lima; *Estado atual da questão dos grupos hemáticos* – Roberto F. Hinricksen – *Da aplasia clavicular* – Benjamin Vinelli Baptista; *Genética Vegetal* – A. J. de Sampaio; *Contribuição aos estudos dos psicogramas* – Ubirajara da Rocha e Arnauld Bretas; *Estatística dos tarados no Brasil* – Bulhões Carvalho – *Quadros demonstrativos das moléstias observadas no hospital de Juqueri, de 1925 a 1928* – Antônio Carlos Pacheco e Silva; *Herança psíquica intrauterina* – Waldemar E. Coutts; *A procriação voluntária do sexo de acordo com a época da coabitação* – Jorge de Lima; *Consanguinidade* – Newton Belleza; *Casamento e eugenia* – Joaquim Moreira da Fonseca; *O dispensário psiquiátrico como elemento de educação eugênica* – Gustavo Riedel; *Da educação física como fator eugênico* – Jorge de Moraes; *Fatores de degeneração observadas nas praças da Polícia Militar* – Motta Resende; *A idade e o casamento* – Leonídio Ribeiro; *Maternidade consciente* – Castro Barreto; e *O problema da imigração* – A. J. de Azevedo Amaral. PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA. *Actas e trabalhos*. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 1, 1929, pp. 5-6.

cristianização, ao incentivar a multiplicação dos incapazes, seria uma negação completa da eugenia. Daí a necessidade de uma religião baseada no culto ao corpo, que se infiltrasse nas estruturas do poder para pavimentar o caminho da regeneração e, conseqüentemente, do surgimento de um novo homem³⁹.

Impulsionados sobretudo pela rejeição à eugenia negativa, agora oficialmente repudiada na encíclica *Casti Connubii*, não eram apenas os intelectuais católicos brasileiros que denunciavam o eugenismo estadunidense. O teólogo jesuíta francês René Brouillard, em um artigo intitulado *L'Engénique et l'eugénisme anglo-saxons devant la morale catholique* [Eugenia e eugenismo anglo-saxônicos em face da moralidade católica], publicado em junho de 1931 na revista *Études de théologie, de philosophie et d'histoire*, já afirmava que, principalmente nos Estados Unidos e após a Primeira Guerra Mundial, as doutrinas eugenistas, não apenas no campo da medicina, mas também no da jurisprudência, enraizaram-se profundamente, conquistando numerosos seguidores em associações de pesquisa e propaganda, nas quais os próprios pastores protestantes não foram estranhos⁴⁰.

Segundo Brouillard, para os eugenistas radicais, a maioria da população, desconhecendo as leis da hereditariedade, multiplica-se ao acaso, seguindo seu próprio instinto. Portanto, acreditando que os tarados teriam uma potência prolífica sobre os seres superiores e consumiam uma grande parte da riqueza social, seria necessário então corrigir esse desequilíbrio, impedindo-os de se reproduzirem, além de direcionar, em benefício dos indivíduos considerados normais, recursos financeiros destinados a asilos, prisões e hospitais, violando assim, de maneira vil e desonesta, os princípios cristãos de compaixão e caridade⁴¹.

No Brasil, Renato Ferraz Kehl, um dos fervorosos defensores e divulgadores da eugenia, já havia expressado em várias ocasiões sua oposição às políticas de amparo social, fundamentando-se na ideia de que o processo de seleção natural eliminaria os indivíduos menos adaptáveis. De acordo com essa perspectiva, iniciativas coordenadas de assistência, saúde e previdência estariam em contradição com os princípios de uma nação eugênica, prolongando a vida dos menos aptos e gerando custos adicionais para o Estado⁴²:

³⁹ ATAÍDE, op. cit., Limites da eugenia, pp. 25-29.

⁴⁰ BROUILLARD, René. *L'Engénique et l'eugénisme anglo-saxons devant la morale catholique*. *Études de théologie, de philosophie et d'histoire*, pp. 596-597, 1931, p. 596.

⁴¹ *Ibid.*, p. 597.

⁴² GIESBRECHT, Daniel Florence; MATOS, Patrícia Ferraz de. A apropriação do discurso médico-antropológico pelo Poder Legislativo brasileiro: a eugenia como utopia regeneradora na constituinte de

Se a lei inexorável da luta pela vida ainda se impusesse, completamente, sob a qual sucumbem os fracos e triunfam os fortes, a maior parte dessa residualha, que vem surgindo clandestinamente, violando os preceitos da boa geração, estaria condenada a perecer logo nos primeiros lances da áspera peleja. Tal, infelizmente não acontece, não mais se podendo contar com a seleção que outrora constituía o crivo eficaz contra os indesejáveis e que agora sobrevivem em grande número para sofrer e para sobrecarregar os elementos úteis e produtivos⁴³.

Na mesma esteira de Brouillard, Tristão de Ataíde destacou que determinadas práticas defendidas por alguns eugenistas espelhavam os fundamentos da mentalidade revolucionária materialista moderna, contrapondo-se aos valores espirituais humanos e cristãos. Dessa forma, ele instou os intelectuais católicos a discernir com precisão “uma distinção muito rigorosa entre o que há nela (na eugenia) de aproveitável e o que há de condenável”⁴⁴.

Isso é que precisa ficar bem claro na cabeça dos eugenistas integrais. Há muitos pontos em que não cedemos nem cederemos nunca. E por isso mesmo é que devemos encarar a eugenia em seus “limites”, para impedir a extralimitação eugênica que facilmente destruirá tudo o que representa para nós a essência da nossa liberdade particular⁴⁵.

Para nós, a verdadeira eugenia só se faz em aliança com a verdadeira razão e com a verdadeira fé. Nós não andamos a procura de nenhuma nova religião. Nem consentiremos que nenhuma ciência e nenhum poder civil invada domínios que cabem a outro gênero de ciências e a outro gênero de poder. Não somos nem anarquistas nem estatistas. Não julgamos que a vida sexual seja inteiramente livre. Mas também não aceitamos a ingerência do Estado onde ele não tem que intervir. Pois há recantos que só a lei natural ou a lei revelada, e não a lei positiva, podem regulamentar⁴⁶.

Portanto, pode-se inferir que tanto os intelectuais católicos leigos quanto os eclesiásticos não se opunham à eugenia em sua totalidade, mas sim a certos modelos eugênicos que implicavam em formas específicas de

1934. *Revista Poièsis*, v. 16, n. 29, pp. 37-54, 2022, p. 46.

⁴³ KEHL, Renato Ferraz. *Sexo e civilização: aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933, p. 34.

⁴⁴ ATAÍDE, op. cit., *Limites da eugenia*, p. 32.

⁴⁵ *Ibid.*, pp. 32-33.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 33.

engenharia social que interferiam na natureza da reprodução humana como, por exemplo, o controle de natalidade e a esterilização. Por outro lado, os líderes religiosos respaldavam e promoviam uma abordagem eugênica de caráter preventivo, sanitário e pró-natalista, uma vez que tais métodos estavam em consonância com as posições mantidas pelo clero, numa espécie de eugenia católica. Essa postura se alinha à política social defendida pela Igreja desde os tempos da *Rerum Novarum*, refletindo o suposto compromisso da instituição com a proteção da dignidade humana e a promoção do bem-estar social⁴⁷.

Birth-control

De maneira geral, uma considerável parte dos eugenistas no mundo anglo-saxônico, com a intenção de preservar ou até mesmo reforçar a composição racial de suas sociedades, colaborou para a formação de um paradigma de eugenia negativa.

Esse modelo se fundamentava na execução coordenada de medidas destinadas a alterar a configuração do núcleo familiar: a regulamentação jurídica do matrimônio, com a proibição deste para qualquer indivíduo considerado oficialmente disfuncional ou inferior, mediante a obrigatoriedade do certificado pré-nupcial; ao divórcio, como meio para resolver incompatibilidades conjugais e eventualmente corrigir problemas de esterilidade; à esterilização preventiva, tanto voluntária quanto obrigatória, para todos os indivíduos incapazes de reprodução sob condições satisfatórias, seja devido à incapacidade evidente de procriação superior, seja devido a degenerações perigosas, físicas ou morais, como ocorre com os criminosos; e, por último, mas não menos importante, ao controle ou à racionalização da reprodução, visando aprimorar a qualidade em detrimento da quantidade, prática conhecida popularmente como *birth-control*⁴⁸.

Segundo a historiadora Regina Marques, a partir de uma abordagem foucaultiana, observa-se que essas diretrizes conferiam maior autoridade aos médicos, atribuindo-lhes o papel de definir o que era considerado normal ou anormal em relação às práticas sexuais. Isso resultava na concepção do sexo como um elemento patológico da humanidade, alimentando assim a

⁴⁷ A encíclica *Rerum Novarum* é uma carta apostólica emitida pelo Papa Leão XIII em 1891, que trata das condições dos trabalhadores e das questões sociais resultantes da Revolução Industrial. LEÃO XIII. *Carta encíclica Rerum Novarum do sumo pontífice Papa Leão XIII sobre a condição dos operários*, Roma, 1891. Disponível em: < <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Carta-Enciclica-rerum-novarum.pdf> > Acesso em: 01 fev. 2024.

⁴⁸ Cf. PICHOT, André. *La société pure: de Darwin à Hitler*. Paris: Flammarion, 2009.

elaboração de um projeto médico-político destinado a regular aspectos como casamentos, nascimentos e até mesmo a sobrevivência das pessoas⁴⁹. Portanto, pode-se concluir que há um embate patente entre os eugenistas radicais e os católicos, ambos almejando assegurar o controle sobre os corpos humanos por meio da manipulação da sexualidade.

Em relação aos intelectuais católicos brasileiros, Hamilton Nogueira já se posicionava contrário às práticas de intervenção biopolítica voltadas para o controle da natalidade desde a década de 1920. No artigo *O malthusianismo: um sério problema social que é também brasileiro*, publicado na edição de novembro de 1924 de *A Ordem*, apresentou uma crítica incisiva à disseminação dos chamados “modismos neomalthusianos”, considerados por ele práticas degradantes e verdadeiros atentados contra a pátria. Para Nogueira, dada a vasta área territorial do Brasil e a reduzida população, o país deveria dar prioridade ao aumento das taxas de natalidade para evitar a fragmentação da identidade nacional, ao invés de colocar em prática políticas de redução populacional alardeadas pelos defensores do *birth-control*⁵⁰.

O posicionamento de Hamilton Nogueira refletia o conflito entre a Igreja e o aumento da militância a favor do controle de natalidade, especialmente nos Estados Unidos naquele momento. É relevante destacar que a feminista e enfermeira Margaret Sanger, uma das principais defensoras do *birth-control* e do direito ao aborto, escreveu um polêmico artigo em 1923 intitulado *Facing the new year*, o qual foi publicado no periódico *Birth Control Review*⁵¹. Nele, Sanger defendia claramente métodos contraceptivos, com base em argumentos eugênicos negativos, além de incentivar o aborto profilático em famílias de baixa renda⁵². Em um período em que a Igreja já acompanhava o feminismo com cautela, visões semelhantes à de Sanger eram consideradas uma séria afronta à vida e à dignidade humana.

Por sua vez, *Ensaio de Biologia* incorporou dois estudos, realizados por alunos orientados por Hamilton Nogueira no Instituto Católico de Estudos Superiores, que abordaram políticas de regulação demográfica: *A esterilidade voluntária e sua patologia*, de autoria de Barbosa Quental, e o *Aspecto médico do birth-control*, de Antônio Amarante e César Girard Jacob. Ambos os trabalhos

⁴⁹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 75.

⁵⁰ NOGUEIRA, Hamilton. *O malthusianismo: um sério problema social que é também brasileiro*. *A Ordem*, v. 4, n. 37, pp. 239–240, 1924, p. 239.

⁵¹ SANGER, Margaret. *Facing the New Year*. *Birth Control Review*, v. 7, n. 1, pp. 3–4, 1923.

⁵² Cf. DOUGLAS, Emily. *Margaret Sanger: pioneer of the future*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969.

compartilham objetivos similares, buscando contestar os principais argumentos apresentados pelos defensores do controle de natalidade⁵³.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil manifestou um interesse significativo pela puericultura⁵⁴. Contrariando a noção de que a redução da taxa de natalidade resultaria em uma diminuição proporcional da mortalidade infantil, os discípulos de Hamilton Nogueira enfatizaram a importância do higienismo e da atenção à saúde materno-infantil como meios eficazes para promover a saúde das gestantes e reduzir o número de óbitos de crianças.

Em outras palavras, eles advogaram para que o combate à pobreza, a adoção de políticas abrangentes de saneamento, a proteção dos direitos infantis e a educação parental, por meio de intervenções pré-natais, emergissem como estratégias fundamentais não apenas para preservar a vida das crianças brasileiras, mas também para salvaguardar o destino da identidade nacional. Esse alinhamento com os preceitos da eugenia preventiva sublinhou a harmonização dos princípios católicos com uma abordagem proativa na promoção da saúde e do bem-estar da população, consolidando a estratégia de se assumir um papel central na defesa dessas medidas.

Portanto, não é surpreendente que Amarante e Jacob tenham citado o renomado obstetra francês e eugenista de tradição neolamarckista Adolphe Pinard⁵⁵ como uma das principais autoridades na área da puericultura

⁵³ Barbosa Quental concentrou-se na crítica dos estudos do escocês George Drysdale, enquanto Antônio Amarante e César Girard Jacob incumbiram-se de reprovar os trabalhos de Margaret Sanger. AMARANTE, Antônio; JACOB, César G. Aspecto médico do birth-control. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton. (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 121-147, 1933; QUENTAL, Barbosa. A esterilidade voluntária e sua patologia. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton. (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 67-79, 1933.

⁵⁴ A atuação do médico higienista Arthur Moncorvo Filho destacou-se pela defesa da regulamentação e da supervisão das atividades relacionadas à saúde infantil, fundamentada no conhecimento médico-científico, estabelecendo, assim, os primórdios da puericultura no Brasil. Cf. WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 19, n. 37, pp. 103-124, 1999. Conforme afirmam Thiago da Costa Lopes e Marcos Chor Maio, é importante ressaltar que, embora o desenvolvimento da puericultura no Brasil não tenha sido completamente influenciado pela eugenia, foram observadas semelhanças significativas no que tange terminologia e conceitos utilizados em ambos os campos, muitos dos quais relacionados a determinismos raciais. LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940). *Tempo*, v. 24, n. 2, pp. 349-368, 2018, p. 350.

⁵⁵ Além de Pinard, foram citados Raoul de Guchteneere, o cirurgião Jean-Louis Faure, o médico francês Armand Siredey, o ginecologista neerlandês Theodoor Hendrik van de Velde, o médico Giuseppe Catani do Hospital Maggiore de Milão, o neurologista francês Joseph Grasset, Hamilton Nogueira, a enfermeira norte-americana Mary Sewall Gardner, o médico e nutricionista irlandês Robert McCarrison e o cirurgião britânico William Arbuthnot Lane.

internacional. Ademais, Pinard era reconhecido por enfatizar a importância da maternidade na manutenção do equilíbrio orgânico do corpo feminino:

Pinard tem razão quando afirma que a maternidade é uma função normal e psicológica da mulher; ela é a terminação natural do seu ciclo sexual; é necessária à sua saúde e ao seu desenvolvimento. Pretender, como fazem os apologistas do birth-control, que as maternidades repetidas, as sucessivas gestações, constituam por si sós um fator de morbidade é vontade manifesta de forçar a realidade⁵⁶.

Tanto Barbosa Quental quanto Antônio Amarante e César Girard Jacob destacaram-se ao questionar a noção de que partos sucessivos acarretavam prejuízos à saúde das mulheres, embasando seus argumentos nos avanços da assepsia na obstetrícia àquele momento. A análise realizada revelou uma estreita interconexão entre questões obstétricas, natureza do parto e fisiologia feminina, sugerindo que a maternidade não deveria ser encarada como uma condição patológica.

No entanto, segundo Amarante e Jacob, ainda mais preocupante do que as questões relacionadas aos perigos da gravidez era a falta de menção por parte dos neomalthusianos aos danos, sem exceção, provocados pelos métodos contraceptivos. Com base nas análises do obstetra belga católico Raoul de Guchteneere, foram ressaltados os principais aspectos de um relatório de pesquisa realizado em Nova Iorque e publicado em 1924 na *American Review of Obstetrics and Gynecology*, que colocou em dúvida os fundamentos do controle da reprodução⁵⁷.

Em síntese, Guchteneere concluiu que os dados provenientes das pesquisas sobre a regulação exógena da fecundidade eram limitados, resultando em uma classificação favorável por mera suposição, enquanto as investigações realizadas careciam de métodos científicos e morais de valor reconhecido. Ele destacou, inicialmente, a inexistência até o momento de um método contraceptivo que fosse completamente seguro e eficaz. Além disso, observou-se que os métodos contraceptivos não alcançavam eficácia quando aplicados às famílias mais pobres ou às classes socioeconômicas menos privilegiadas. Por fim, a divergência de opiniões médicas se evidenciou devido à falta de

⁵⁶ AMARANTE; JACOB, op. cit., p. 133.

⁵⁷ Ibid., p. 138.

experimentação clínica adequada e à contestação dos dados publicados por clínicas em Nova Iorque e Londres⁵⁸.

Ao se valerem das afirmações de Guchteneere, Amarante e Jacob adotaram, aparentemente, o método Galileu como uma estratégia para contradizer os proponentes do *birth-control*⁵⁹. Ao contestar a eficácia dos métodos contraceptivos e destacar as limitações das pesquisas sobre regulação da fecundidade, os autores desafiaram, de forma indireta, certas narrativas científicas, retratando-as como conjecturas ou suposições. Ao mesmo tempo, contradisseram-nas, apoiando-se em outros subsídios científicos, agora validados por autoridades médicas católicas, como o eminente obstetra belga.

Ao fazer isso, eles buscaram instilar dúvidas nos leitores sobre a validade das descobertas científicas relacionadas ao controle da reprodução. Essa abordagem não apenas colocou em xeque as conclusões científicas estabelecidas, mas também enfraqueceu o discurso médico dominante sobre métodos contraceptivos, sugerindo que tais conclusões poderiam ser apenas especulações ou interpretações subjetivas dos fatos.

Na contenda entre a Igreja Católica e os eugenistas radicais, revelou-se a intrincada teia de mecanismos discursivos em operação⁶⁰. A Igreja, valendo-se de suas normas de verdade e legitimidade, almejou impor sua visão sobre a sexualidade e a reprodução, sancionando discursos consonantes com seus preceitos e excluindo aqueles que desafiavam sua autoridade moral. Por outro lado, os eugenistas, respaldados na pretensa objetividade da ciência, procuraram estabelecer suas próprias normas de verdade, desafiando a autoridade eclesiástica e buscando legitimar suas concepções no âmbito científico. Essa disputa pelo domínio do discurso transcendeu o plano das ideias e permeou as estruturas de poder e as relações sociais, evidenciando os mecanismos de poder, sanção, exclusão e interiorização que configuraram os discursos da época.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 139.

⁵⁹ O autor deste artigo adotou como base para nomear essa estratégia o famoso caso de Galileu Galilei, que enfrentou a oposição da Igreja Católica ao defender a teoria heliocêntrica. Parte da tática contra o físico e astrônomo florentino consistia em indagar se o que ele oferecia era um saber certo e demonstrado ou apenas hipótese(s). Assim sendo, as proposições científicas mais incômodas, do ponto de vista eclesial, deveriam ser tratadas mais como hipóteses e, portanto, desconsideradas.

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Esterilização eugênica

A esterilização voluntária e a compulsória eram temas bastante controversos, envolvendo eugenistas radicais e a Igreja, como já foi mencionado anteriormente. Durante as décadas de 1920 e 1930, a esterilização eugênica se tornou relevante em diversas publicações científicas, bem como no âmbito do debate político. Em face disso, a Igreja manifestou preocupação e rejeitou de forma incontestável essa intervenção no curso natural do processo de criação da vida. É compreensível, por exemplo, como observado na vigésima quarta sessão da *Casti Connubii*, que houvesse uma severa reprovação à imposição da esterilização como medida punitiva⁶¹.

Robert Wegner e Vanderlei Sebastião de Souza indicam que a atração exercida pelas ideias eugênicas mais extremas, que visavam evitar a procriação de pessoas consideradas anormais, encontrou eco entre certos eugenistas brasileiros, principalmente a partir do final dos anos vinte. Em *Lições de Eugenia*, livro publicado em 1929, Renato Kehl destacava a relevância da esterilização como uma medida fundamental de profilaxia racial, que, segundo ele, deveria ser recomendada para indivíduos que apresentassem comportamentos criminosos, anormais, inaptos ou portadores de qualquer outro sinal de degeneração⁶².

A simpatia e a propaganda promovidas por Renato Kehl em prol da esterilização foi alvo de uma crítica severa e direta por parte de Hamilton Nogueira em *Educação eugênica*, artigo presente na edição número 28 de *A Ordem*, em junho de 1932⁶³. O texto em questão era uma réplica ao primeiro volume do boletim publicado pela Comissão Central Brasileira de Eugenia, organização inspirada no modelo da Sociedade Alemã para Higiene Racial, fundada por Kehl em 1931.

Nogueira julgava que os responsáveis pelo boletim adotavam uma perspectiva simplista e vulgar em relação ao entendimento da vida humana ao postularem que todas as atividades realizadas por homens e mulheres, sejam elas físicas, intelectuais, morais ou sociais, estariam intrinsecamente ligadas às leis biológicas da hereditariedade na busca pelo aperfeiçoamento. Além disso, a apresentação da eugenia por Renato Kehl como uma solução universal e um pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da

⁶¹ PIO XI, op. cit., p. 17.

⁶² WEGNER; SOUZA, op. cit., pp. 268-269.

⁶³ NOGUEIRA, Hamilton. Educação eugênica. *A Ordem*, v. 7, n. 28 (Nova Série), pp. 408-411, 1932a.

humanidade era considerada por Nogueira uma afronta direta ao Clero e aos católicos em geral⁶⁴.

As preocupações de Hamilton Nogueira não eram meramente ocasionais. Além da liderança eugênica exercida por Kehl, outros eugenistas brasileiros também se interessavam por medidas eugênicas negativas e, por meio de variadas formas de comunicação, como panfletos, artigos, palestras e entrevistas, difundiam essas convicções. Octávio Domingues, geneticista que posteriormente dividiria com Renato Kehl e o entomólogo Salvador de Toledo Pizza Júnior a direção do periódico *Boletim de Eugenia*, redigiu um artigo intitulado “*Birth-control*”, *esterilização e pena de morte*, que ilustrava bem os motivos das preocupações dos intelectuais católicos com a propaganda eugênica:

A esterilização obrigatória para os delinquentes, tarados mentais, com extensão os portadores de males hereditários, mas neste caso sem caráter compulsório – é outra providência de natureza defensiva para a sociedade que, por tal meio, veria diminuir a proliferação da casta dos criminosos natos, da casta dos tarados mentais, da casta dos transmissores das más heranças e dos males fatais que o homem recebe do berço, e os dissemina por outros berços indefinidamente⁶⁵.

Na edição de outubro de 1932 da revista *A Ordem*, Hamilton Nogueira revisitou suas críticas aos defensores da esterilização no artigo intitulado *A esterilização dos inaptos*, mais uma vez expressando sua desaprovação direta a Renato Kehl e seus seguidores:

O homem e a mulher, mesmo do ponto de vista eugênico, não são apenas, como os define o Sr. Renato Kehl, “cabides de células germinais”, como se pudéssemos prescindir dos outros atributos que lhes dão o primado entre os seres criados⁶⁶.

⁶⁴ Ibid., p. 408. As críticas ao extremismo eugênico advogado por Renato Kehl não se limitaram aos intelectuais católicos brasileiros. O respeitado intelectual e padre jesuíta português Domingos Maurício Gomes dos Santos, conhecido pelo pseudônimo Riba Leça, expressou suas críticas aos apelos de Kehl pela esterilização eugênica, em um artigo publicado na revista jesuíta *Brotéria*, em abril de 1934. Em seu texto, Riba Leça reprovou a pertinência de uma palestra proferida por Kehl, a convite do renomado antropólogo e eugenista Antônio Mendes Correia, na sede da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na cidade do Porto, em 24 de outubro de 1932: “O Dr. Renato Kehl pronunciou [...] uma conferência sobre política eugênica. Mas, para sermos francos e sem desprimor, reputamos infelicíssima, pela tendência, pela intenção e pelo conteúdo”. LEÇA, Riba (pseudônimo). Esterilização e eugenismo. *Brotéria. Revista Contemporânea de Cultura*, v. 13, n. 3, pp. 217-226, 1934, pp. 217-218.

⁶⁵ DOMINGUES, Octávio. “Birth Control”, Esterilização e Pena de Morte. *Boletim de Eugenia*, Ano 3. n. 30, 1931, p. 4.

⁶⁶ NOGUEIRA, Hamilton. Esterilização dos inaptos. *A Ordem*, v. 7, n. 32 (Nova Série), pp. 251-258, 1932b, p. 253.

Desde o final da década de 1920, emergiram diversas pesquisas que visavam questionar as convicções sobre a absoluta precisão dos estudos sobre hereditariedade promovidos pelos eugenistas adeptos das teorias mendelistas. Um exemplo é o trabalho intitulado *La blastotoxie qui crée les dégénérescences individuelles est aussi l'origine de l'hérédité morbide* [A blastotoxia que cria degenerações individuais é também a origem da hereditariedade mórbida], publicado em 1928 pelo médico belga Louis Vervaeck, diretor-geral do Serviço de Antropologia Criminal Belga⁶⁷.

Vervaeck argumentou que o diagnóstico da probabilidade da transmissão familiar das características mais perigosas de certos grupos de doentes e anormais era difícil, senão impossível, devido à complexidade de fatores, incluindo a incerteza das leis de hereditariedade humana, a possibilidade de latência de tendências perigosas na descendência direta e sua possível extinção em gerações posteriores, influenciadas por diversos fatores como condições de vida, intervenções terapêuticas adequadas e educação apropriada⁶⁸.

Além disso, o estudo sugere que, ao se considerar os casos de indivíduos classificados inaptos devido a fatores como toxinas ou traumas na fase embrionária, era notável que o número de doenças hereditárias não apresentava uma cifra tão alarmante quando comparado a indivíduos saudáveis, especialmente quando havia uma considerável porcentagem de pessoas com deficiências mentais provenientes de pais sem histórico de doenças genéticas⁶⁹.

Segundo a perspectiva de Hamilton Nogueira, mesmo diante de evidências confiáveis, exemplificadas por Louis Vervaeck, os adeptos da “ciência de Galton” no Brasil demonstravam um considerável interesse na institucionalização da esterilização com propósitos punitivos e racialistas, tal qual já registrado em nações como os Estados Unidos, a Inglaterra e a Suíça. Esses adeptos estavam profundamente imbuídos do “rigoroso determinismo das leis biológicas da hereditariedade” e, na tentativa de persuadir as autoridades políticas, propunham que “para o bem da sociedade e da espécie humana, o Estado autorizasse a aplicação de processos que impedissem a procriação indesejável” de indivíduos considerados desviantes⁷⁰.

⁶⁷ VARVAECK, Louis. *La blastotoxie qui crée les dégénérescences individuelles est aussi l'origine de l'hérédité morbide*. *Beuxelles-Med*, v. 9, pp. 61-70, 1928.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 63.

⁶⁹ *Ibid.*, pp. 63-64.

⁷⁰ NOGUEIRA, op. cit., A esterilização dos inaptos, p. 253.

Em *Ensaio de Biologia*, Hamilton Nogueira apresentaria uma versão expandida, fundamentada nos dois textos anteriormente mencionados, intitulada *A esterilização dos tarados*⁷¹. Na nova versão de seu estudo, Nogueira reiterou seus argumentos anteriores para contestar os proponentes da esterilização, ampliando suas críticas ao eugenismo praticado nos Estados Unidos. O objetivo desse estratagema era evidenciar, por meio do exemplo norte-americano, os danos decorrentes das interpretações raciais baseadas em premissas poligenistas⁷².

Tais ideias, segundo o autor, negligenciavam o fenômeno biológico da adaptação inerente aos seres humanos. Nogueira argumentou que a prática eugênica nos Estados Unidos, visando principalmente à preservação da raça americana mediante a redução da taxa de natalidade, estava contribuindo para o surgimento de um nacionalismo extremo. Esse nacionalismo era caracterizado pelo fanatismo do racismo predominante, especialmente nas regiões do sul do país, onde os supremacistas brancos, influenciados pela eugenia negativa, advogavam pela esterilização compulsória de negros e imigrantes, com preferência por aqueles de origem asiática⁷³.

Assim como observado anteriormente no estudo elaborado por Antônio Amarante e César Girard Jacob, Hamilton Nogueira também pareceu adotar o método Galileu, suscitando incertezas quanto à absoluta validade das proposições defendidas pelos eugenistas estadunidenses. Seu intento era instigar questionamentos sobre a inerrância dos postulados apresentados, especialmente por meio das análises genealógicas utilizadas pelos eugenistas, sugerindo que tais afirmações não eram verdades incontestáveis, mas sim conjecturas especulativas, enfatizando, sempre que possível, os abusos e as deficiências observados em locais onde a esterilização eugênica foi previamente aplicada:

Ora, aqueles que se dedicam a esses estudos (genealógicos) sabem bem quanto de incerto, quanto de imprevisível se observa no mecanismo da hereditariedade. E se esse mecanismo já é tão incerto nos animais, muito mais o é com relação à pessoa humana. E é essa incerteza mesma que faz com que certos higienistas

⁷¹ NOGUEIRA, Hamilton. *A esterilização dos tarados*. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 39-66, 1933.

⁷² Os poligenistas sustentavam sua teoria na concepção de que a humanidade teve múltiplas origens, o que resultou na vasta diversidade racial observada em diferentes estágios de evolução.

⁷³ *Ibid.*, pp. 39-41.

e eugenistas condenem a aplicação de medidas extremas como a que estamos considerando⁷⁴.

Pela sua comissão de higiene pública, opina a Academia de Medicina de New-York, que “a questão da esterilização de certos tipos de alienados mentais não fez grandes progressos, por duas razões. Primeiramente, existe uma prevenção geral contra a esterilização por causa das dificuldades e dos abusos possíveis que acompanham fatalmente sua aplicação; por outro lado as opiniões concernentes à hereditariedade das perturbações mentais são muito divergentes; não há, sobre esse assunto, nenhuma espécie de acordo entre os especialistas” [...] Aliás, esses abusos já foram verificados mesmo em alguns Estados da América do Norte, que adotaram, apressadamente, as opiniões dos eugenistas radicais, e concorreram para revogação, em alguns desses Estados, das leis que amparavam as intervenções esterilizadoras. Assim em New Jersey, em Nevada, em New York, no Colorado, em Ohio⁷⁵.

Com a intenção clara de endossar estritamente intervenções sociais de natureza ambiental e educacional, o trabalho de Hamilton Nogueira, assim como os outros textos em *Ensaio de Biologia*, visava superar as ambiguidades causadas pela disseminação do pensamento científico moderno. Em outras palavras, almejava abordar, por meio da própria ciência, os problemas decorrentes da transgressão dos limites éticos e morais pelos defensores (neste caso, os eugenistas radicais) das concepções materialistas em oposição à percepção cristã do ser humano. Esse debate não se limitava apenas à esterilização, mas também, por exemplo, à eutanásia, ao controle de natalidade neomalthusiano e ao aborto, especialmente no que dizia respeito à intervenção do Estado nessas questões.

Considerações finais

A análise das controvérsias entre os eugenistas radicais e os intelectuais católicos no Brasil das primeiras décadas do século XX revela um panorama complexo e multifacetado, permeado por debates acalorados e profundas divergências ideológicas. No cerne dessas discussões, destaca-se o embate entre visões de mundo distintas que se refletiam não apenas nas concepções

⁷⁴ Ibid., p. 46.

⁷⁵ Ibid., pp. 56-57.

sobre eugenia, mas também nas percepções sobre a natureza humana, o papel do Estado e os limites éticos da intervenção científica.

A emergência de uma espécie de eugenia católica representa um dos pontos mais marcantes desse período, evidenciando a influência da Igreja Católica na formulação e na disseminação de medidas eugênicas preventivas. Ao defender a eugenia baseada nos princípios da eugenia latina, a Igreja posicionou-se como uma voz na busca por soluções que conciliassem os avanços científicos com os valores morais e éticos do catolicismo.

A utilização do método Galileu, por parte dos intelectuais católicos, como estratégia para questionar as certezas defendidas pelos eugenistas radicais revela-se como uma abordagem perspicaz. Ao suscitar questionamentos acerca da plena validade das proposições eugênicas e destacar a relevância da incerteza e da indagação no contexto da pesquisa científica, os católicos procuravam minar as teses difundidas pelos eugenistas radicais, exemplificadas, pelas defendidas por Renato Kehl, vistas como uma grave afronta à vida e à dignidade humanas.

O embate entre eugenistas radicais e católicos também revelou diferenças fundamentais na concepção da natureza humana e do papel do Estado na sociedade. Enquanto os eugenistas respaldavam suas propostas em uma visão utilitarista e determinista da humanidade, os católicos enfatizavam a importância da moralidade e da ética na condução das políticas públicas, rejeitando qualquer forma de instrumentalização do ser humano em prol de supostos objetivos coletivos.

Essas divergências ideológicas e éticas lançam luz sobre os desafios enfrentados pela sociedade brasileira na busca por soluções para questões complexas como a eugenia. Ao confrontar os limites da ciência e da tecnologia, bem como os dilemas éticos, discursivos e morais associados à intervenção do Estado na vida dos cidadãos, os debates sobre eugenia no Brasil oferecem importantes lições para o presente e o futuro.

Em síntese, o estudo da história do eugenismo no Brasil suscita reflexões profundas sobre questões fundamentais relacionadas à natureza humana, à moralidade e à ética na ciência e na sociedade. Ao explorar as controvérsias e as complexidades desse período histórico, somos instigados a considerar como as ideias eugênicas moldaram não apenas o pensamento científico, mas também as políticas públicas e as relações sociais.

Fontes

AMARANTE, Antônio; JACOB, César Girard. Aspecto médico do birth-control. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), 1933.

ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo). Instituto Católico de Estudos Superiores. *A Ordem*, v. 7 (Nova Série), n. 28, pp. 415-425, 1932.

_____. Limites da eugenia. In: *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 15-35, 1933.

ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), 1933.

BARRETO FILHO, João de Barros. Tristão de Ataíde e Hamilton Nogueira – Ensaio de Biologia – Livraria Católica – Rio, 1933. *Boletim de Ariel*, Ano 3, novembro, p. 66, 1933.

BRASIL. *Decreto No 119-A, de 7 de janeiro de 1890*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BROUILLARD, René. L'Engénique et l'eugénismo anglo-saxons devant la morale catholique. *Études de théologie, de philosophie et d'histoire*, pp. 596-597, 1931.

CORREIO DA MANHÃ. *A solene inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores*, p. 3, 25 maio 1932.

DOMINGUES, Octávio. “Birth Control”, Esterilização e Pena de Morte. *Boletim de Eugenia*, Ano 3, n. 30, 1931.

KEHL, Renato Ferraz. *Sexo e civilização: aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933.

LACRETELLE, Jacques de; ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); ROPS, Daniel (Eds.). *O problema sexual*. Tradução: Frederico De Carvalho. Porto: Livraria Tavares Martins, 1963 [1939].

LEÃO XIII. *Carta encíclica Rerum Novarum do sumo pontífice Papa Leão XIII sobre a condição dos operários*, Roma, 1891. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Carta-Enciclica-rerum-novarum.pdf> Acesso em: 01 fev. 2024.

LEÇA, Riba (pseudônimo). Esterilização e eugenismo. *Brotéria. Revista Contemporânea de Cultura*, v. 13, n. 3, pp. 217-226, 1934.

NOGUEIRA, Hamilton. O malthusianismo: um sério problema social que é também brasileiro. *A Ordem*, v. 4, n. 37, pp. 239-240, 1924.

----- . Educação eugênica. *A Ordem*, v. 7, n. 28 (Nova Série), pp. 408-411, 1932a.

----- . Esterilização dos inaptos. *A Ordem*, v. 7, n. 32 (Nova Série), pp. 251-258, 1932b.

----- . A esterilização dos tarados. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 39-66, 1933.

O JORNAL. Sem título, 26 novembro, p. 7, 1933.

PIO XI. *Carta encíclica Casti Connubii del Papa Pío XI sobre el matrimonio Cristiano*, Roma, 1930. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html. Acesso em: 17 jun. 2023.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA. *Actas e trabalhos*. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 1, 1929.

QUENTAL, Barbosa. A esterilidade voluntária e sua patologia. In: ATAÍDE, Tristão de (pseudônimo); NOGUEIRA, Hamilton. (Eds.). *Ensaio de Biologia*. Rio de Janeiro: Livraria Católica (Publicações do Instituto Católico de Estudos Superiores), pp. 67-79, 1933.

SANGER, Margaret. Facing the New Year. *Birth Control Review*, v. 7, n. 1, pp. 3-4, 1923.

VARVAECK, Louis. La blastotoxie qui crée les dégénérescences individuelles est aussi l'origine de l'hérédité morbide. *Beuxelles-Med*, v. 9, pp. 61-70, 1928.

Referências

BONFIM, Paulo. *Educar, higienizar e regenerar: uma história da eugenia no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

DOUGLAS, Emily. *Margaret Sanger: pioneer of the future*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GIESBRECHT, Daniel Florence; MATOS, Patrícia Ferraz de. A apropriação do discurso médico-anropológico pelo Poder Legislativo brasileiro: a eugenia como utopia regeneradora na constituinte de 1934. *Revista Poièsis*, v. 16, n. 29, pp. 37–54, 2022.

GIESBRECHT, Daniel Florence. Divus contra Galton: o debate eugênico a partir da produção intelectual católica brasileira na década de 1930. *Anuario de Antropología Iberoamericana*, pp. 1-6, 2023.

GOMES, Edgar da Silva. A estadualização da hierarquia eclesiástica no Brasil: política e poder na relação Estado/Igreja durante a República Velha (1889-1930). *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 37, pp. 295–303, 2008.

LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940). *Tempo*, v. 24, n. 2, pp. 349–368, 2018.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Natália Cristina de; CAMPOS, Névio de; SKALINSKI JÚNIOR, Oriomar. O modelo católico de ensino superior no Brasil. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 5, pp. 1–26, 2019.

REILLY, Philip. *The surgical solution: a history of involuntary sterilization in the United States*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História)—Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras*. Guarapuava: Unicentro, 2019.

STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics: race, gender, and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

TODARO, Margareth Patrice. *Pastors, prophets and politicians; a study of brazilian church; 1916-45*. New York: Columbia University Press, 1971.

TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Ordem: uma revista de doutrina política e cultura católica. *Revista de Ciência Política*, v. 21, n. 3, pp. 117–160, 1978.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 19, n. 37, pp. 103–124, 1999.

WEBER, Maria Julieta. Eugenia Latina em Portugal e no Brasil (primeira metade do século XX). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 63, pp. 205–217, 2023.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia “negativa”, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, pp. 263–288, 2013.

Artigo recebido para publicação em 11/07/24

Aprovado em 29/08/24.